

## A UNIVERSIDADE É PARA “TODOS”? UMA ANÁLISE SOBRE DISCURSO E SOCIEDADE NA FALA DO EX-MINISTRO DA ECONOMIA PAULO GUEDES

IS UNIVERSITY FOR EVERYONE? AN ANALYSIS ABOUT DISCOURSE AND SOCIETY IN PAULO GUEDES' WORDS THE FORMER MINISTER OF THE DEPARTMENT OF THE TREASURY OF BRAZIL

**Ualace Lima Nascimento**<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-6171-630X>

### RESUMO

Paulo Guedes o Ministro da Economia do Brasil no dia 27 de abril de 2021, junto ao Ministério da Saúde fez um discurso e criticou o Financiamento Estudantil- FIES, em sua fala, ele afirmou que o programa bancou os estudos até do “filho do porteiro” que “zerou vestibular”. Na totalidade de seu discurso ele afirma que o ministério da educação foi de um extremo ao outro e que deram bolsa a quem não tinha nenhuma capacidade de ocupar um lugar na Universidade. Diante dessa exposição, propõem-se a análise de sua fala embasada nos conceitos de linguagem e discurso. A linguagem que se ordena como um conjunto de símbolos que permite a comunicação e constituem os sujeitos culturalmente, sendo na utilização da linguagem como prática social que se expressa a organização de ideias que chamamos de discurso.

**Palavras-chave:** Discurso. Paulo Guedes. Universidade. Política.

### ABSTRACT

Paulo Guedes, the Minister of Economy of Brazil, on April 27, 2021, alongside the Ministry of Health, delivered a speech criticizing the Student Financing Program (FIES). In his speech, he stated that the program funded the studies even of the "janitor's son" who "aced the entrance exam." Throughout his speech, he asserted that the Ministry of Education swung from one extreme to the other, granting scholarships to those who lacked any capability to occupy a place at the university. In light of this exposition, it is proposed to analyze his speech based on the concepts of language and discourse. Language is structured as a set of symbols enabling communication and shaping individuals culturally, being through the use of language as a social practice that the organization of ideas, known as discourse, is expressed.

**Keywords:** Discourse. Paulo Guedes. University. Politics.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação Strictu Senso em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT IFBA campus Salvador, licenciado em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB campus Eunápolis, especialista em Educação Cultural e Linguagens – IFBA campus Eunápolis. E-mail: ualace.lima@hotmail.com.

## **1. INTRODUÇÃO**

Para Pecheux o discurso é um ato político, tendo o marco a análise automatizada do discurso em 1969, que ocorreu na primeira fase da Análise do Discurso francesa. Dentro dos questionamentos acerca da ciência da linguagem tinha o propósito de ser a ciência da expressão e dos meios dela. Assim, entendiam que o estudo da língua consistia em analisar todos os textos e seus conteúdos. Ocorre então, no século XIX a homogeneidade entre as práticas e as teorias da linguagem, posteriormente, no século XX, tem-se a divisão entre língua e fala, na qual, esta ramificação permite a renascença do conceito filosófico do sujeito como causa e origem de si.

Dentro dessa fase o discurso se compõe na ideologia, sabe-se que o sujeito não é empírico, existe uma exterioridade intrínseca, que é um efeito de sentido entre os interlocutores, no qual se analisa o sujeito, mais o sujeito assujeitado, mais o sujeito porta voz do discurso, que é igual ao sujeito do discurso. Na primeira fase o sujeito estrutura é a língua, assim, se introduz a AD a partir desta condição que é deslocada do marxismo.

A primeira condição de produção é a do discurso, e para estabelecê-la usa-se duas categorias, formação ideológica e formação imaginária, que se mantêm relacionado ao aparelho ideológico do Estado, no qual, a formação discursiva determina o lugar que A e B se conferi, em relação que se faz de si do outro, a construção imagética que fazem do seu lugar e do lugar do outro e que o outro faz dele.

Neste trabalho buscamos evidenciar e analisar o discurso do vice-presidente Paulo Guedes, através das leituras e debates ocorridos no curso de Pós-graduação do IFBA campus Eunápolis. Ponderando sobre a importância do estudo de iconografias, discurso e política para o estabelecimento de reflexões acerca do cenário social e político do país.

## **2. A ANÁLISE DO DISCURSO: ESTABELECEndo RELAÇÕES ENTRE DISCURSO E LINGUAGEM**

---

Observando-se por algum tempo qualquer tipo de realidade social, pode-se observar que as interações dos indivíduos nela inseridos estão pautadas em atos de comunicação com uma intencionalidade argumentativa - consciente ou inconsciente, às formas como essas ações comunicativas acontecem é chamada de linguagem. Mussalim e Bentes (2011, p. 104) apontam que, para Althusser, a linguagem é o meio pelo qual a ideologia se materializa.

Ainda segundo Orlandi (2008), há diferentes maneiras de se abordar a linguagem, entre elas, a autora cita como exemplo a maneira que concebe a língua como um sistema de signos e\ ou a maneira que entende a linguagem como um sistema de regras formais. Para a análise do discurso (AD) a linguagem é a mediação necessária entre o sujeito e a realidade social que se dá na forma do discurso.

A linguagem, conseqüentemente o discurso, e o meio social estão dialeticamente relacionados, sendo a primeira influenciada e influenciadora das práticas sociais pois, com base no discurso, são formadas as convenções sociais, são construídas as identidades e são construídas as relações entre pessoas e instituições. Dessa maneira, o discurso é fortemente marcado pelas relações de força (poder) nas quais estamos inseridos, já que construção de sentido se dá a partir do lugar no qual a fala do sujeito é constituída (ORLANDI, 2008).

A escola francesa de AD ocupa-se, principalmente, das reflexões em torno da escrita e está localizada entre os domínios da Linguística, Marxismo e Psicanálise. Esse campo de estudo suprime os sentidos dos textos para desvelar o que o texto quer dizer, pois considera que a linguagem não é transparente, e tem como objetivo a compreensão da produção social de sentidos desempenhada por sujeitos históricos através da materialidade das linguagens (BERNARDES et al, 2014).

## **2.1. Acontecimento discursivo e memória**

Ao fazer um estudo sobre a linguagem, Michel Pêcheux leva em consideração a estrutura e o acontecimento (PÊCHEUX, 2008, p.16), dessa forma, analisa o enunciado “On a gagné” [“ganhamos”] enquanto acontecimento discursivo, dentro das suas condições de produção, dispõe a análise do

enunciado em relação a eleição à presidência que ocorre na França em um momento preciso. Temos então, a análise de um acontecimento histórico, nesse caso a eleição presidencial, que engendra o acontecimento discursivo. Pêcheux (2008, p. 17) percebe como as diversas formulações desenvolvidas em referência a esse enunciado, observando o acontecimento dentro do seu contexto atual de atualidade e do seu espaço de memória.

Dessa forma, existem possibilidades de dizeres que se modificam no instante da enunciação, sendo efeito de esquecimento que equivale a um processo de deslocamento da memória com virtualidade e significações. Assim Pêcheux demonstra a maneira que as diferentes formulações elaboradas sobre o mesmo acontecimento, fundamentado nesse enunciado, que retratam o mesmo episódio, porém não produzem as mesmas significações, isto é, um mesmo discurso pode se transformar em outros, e adquirir significados diferentes, uma vez que o efeito de sentido depende das condições de produção, e o lugar onde o sujeito se encontra, que constitui em parte sua materialidade e historicidade.

Pêcheux apresenta então a primeira exigência, a descrição das materialidades discursivas, em uma ideia de descrever supõe o reconhecimento do real singular, onde se instaura, o real da língua. Salienta que o objeto da linguística se mostra atravessado por um afastamento discursivo entre dois espaços, o da manipulação das significações estabilizadas e o da transformação do sentido, levando em conta a dificuldade de demarcação da fronteira entre os dois espaços por causa dos processos discursivos que variam em torno dela. Nesses espaços intermediários não funcionam as propriedades lógicas. Tendo como consequência que toda descrição está ligada ao equivoco da língua,

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente) (PÊCHEUX, 2008, p. 53).

No que se refere as disciplinas de interpretação, “as filiações históricas podem se organizar em memória, e as relações sócias em rede de significantes” (PÊCHEUX, 2008, p. 53). Destarte, as coisas a saber se constituem em rede de memórias, possibilitando que haja perspectiva para filiações identificadoras, a

complicação nesse sentido, é instaurar uma definição sobre as práticas de análise do discurso, bem como o momento de interpretação, no tocante da descrição.

No que tange discursividade como estrutura ou como acontecimento, Pêcheux afirma que “o gesto de inscrever em um discurso, dado em alguma série, e incorporado a um ‘corpus’” (PÊCHEUX, 2008, 57), existe a possibilidade de o acontecimento desse discurso ser absorvido pelo na estrutura da série. Tendo a noção Foucaultiana movida para a análise do discurso, se pensou a ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento, focalizada na repetição, a ideia estrutural da discursividade poderia resultar no apagamento do acontecimento, por meio da interpretação antecipadora.

O autor referido, ratifica que por conta da sua existência, qualquer discurso marca a possibilidade de uma “desestruturação – reestruturação dessas redes e trajetos”, esse trabalho supõe apenas, que por meio de descrições regulares de montagens discursivas, seja possível verificar esses momentos de interpretações, surgidos como tomada de posição. Sendo para ele uma questão ética e política.

De acordo com os postulados pêcheutianos o acontecimento discursivo colocado como rompimento da memória é eternizado por meio do interdiscurso. Dessa maneira, é por consequência do encontro da atualidade com a memória que não gera uma repetição, mas uma atribuição de um novo significado. Sendo assim, “[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos”(quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.)” (PÊCHEUX, 2008, p. 52).

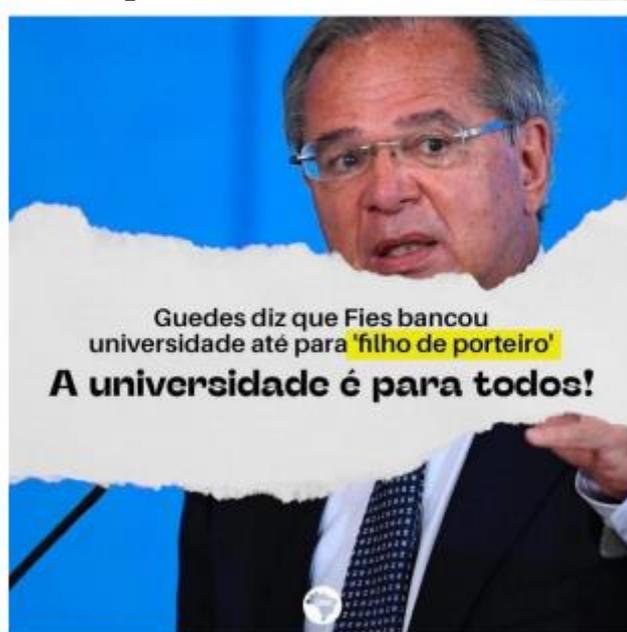
A memória funciona de modo a acondicionar uma regularização das séries enunciativas, isto é, um enunciado no limiar de um outro, determinando as verossímeis práticas, ocasionando uma derrocada ao deparar-se com um acontecimento discursivo.

Depreende-se, portanto, que o acontecimento discursivo acarreta em uma outra contingência para que o enunciado possa produzir novos significados, todavia, não provoca o apagamento dos significados decorridos. Sendo assim, a relação com a memória é complicada por conta da necessidade de adequação na ordem de repetibilidade, e com o novo discurso que tem de ser ressignificado.

### 3. ICONOGRAFIA E DISCURSO

A imagem analisada neste trabalho (Figura 1 - Imagem analisada) traz o recorte de uma fala do atual ministro da economia do país Paulo Guedes e foi veiculada numa rede social da União Nacional dos Estudantes (UNE). Antes de analisarmos a fala, é importante colocar que Paulo Guedes é formado em economia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e possui mestrado e doutorado pela Universidade de Chicago, os posicionamentos políticos e ideológicos tomados pelo atual ministro defendem as privatizações e um modelo econômico liberal.

**Figura 1.** Discurso de Paulo Guedes.



**Fonte:** Acervo pessoal.

Na imagem, a frase central foi baseada em uma fala que o ministro proferiu ao criticar a quantidade de bolsas cedidas pelo governo federal para os programas de financiamento estudantil.

O porteiro do meu prédio, uma vez, virou para mim e falou assim: 'Seu Paulo, eu estou muito preocupado'. O que houve? 'Meu filho passou na universidade privada'. Ué, mas está triste por quê? 'Ele tirou zero na prova. Tirou zero em todas as provas e eu recebi um negócio dizendo: parabéns, seu filho tirou...' Aí tinha um espaço para

---

preencher, colocava 'zero'. Seu filho tirou zero. E acaba de se endereçar a nossa escola, estamos muito felizes. (UOL, 2021)

Observe que, na imagem, Paulo Guedes fala em um microfone o que passa a ideia de que ele fala para uma grande quantidade de pessoas, esse fato é comprovado quando observamos a posição e importância do cargo político exercido por ele, já que, enquanto ministro da economia, Guedes representa o pensamento econômico do governo.

Ainda na iconografia acima, observa-se que a frase foi posicionada numa faixa que se parece como uma folha de papel rasgada que pode ser entendida como algo que está sendo revelado, no caso da imagem analisada o que é revelado é o pensamento do ministro sobre o FIES e sobre as capacidades dos alunos advindos de classe sociais mais baixas.

Para que esse posicionamento fique bem demarcado o autor de foto grifa com uma cor chamativa o termo “filho de porteiro”, esse termo precedido da palavra “até” transmite uma ideia de inclusão, não por mérito, mas por assistencialismo, isto é, o “filho do porteiro” não teria capacidade intelectual de entrar numa universidade privada, mas o governo deu tantas bolsas que até que não tem capacidade pode entrar na universidade”, além disso a palavra até coloca a mensagem de que o local do “filho do porteiro” não é a Universidade. O contraponto da ideia de Paulo Guedes é representado na última frase da imagem “A Universidade é para todos!”, esse trecho funciona como uma resposta do autor da imagem ao ministro.

Na perspectiva linguística a linguagem perpassa a relação dos sujeitos na forma verbal e se materializa nos discursos, que se constituem na relação dos indivíduos com o mundo através da oralidade. No discurso o sujeito expressa sua visão de mundo, seus anseios e objetivos, pois cada um se insere em um contexto social que o constitui cultural e ideologicamente, em relações de poder. Assim a análise discursiva trata-se de, [...] compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados[...] (FOUCAULT, 2008, p. 31).

Para o autor os enunciados se organizam em regras pré-estabelecidas e interligadas historicamente, sendo assim, os discursos se materializam nas relações de poder forjadas a priori e enraizadas socialmente. “Michel Pêcheux

apropria-se da noção de formação discursiva e a ressignifica no campo da análise de discurso e afirma que, para a análise de discurso o sujeito é o resultado da relação existente entre história e ideologia” (PÉCHEUX, 2011 p. 174).

Nessa perspectiva teórica e diante do discurso retrógrado de Paulo Guedes é necessário refletir sobre educação no Brasil e salientar pontos importantes a elencar com o contexto educacional em que se inseriu em 2021.

Sabe-se que os descaminhos da educação no Brasil foram árduos e lentos. O processo colonizador não tinha em seus objetivos a escolarização da sociedade, assim, a criação de escolas básicas, faculdades e universidades aconteceram de forma lenta e direcionada a elite. Vale ressaltar que, até o século XIX a economia brasileira era sustentada pela mão de obra escravizada e foi o último país nas Américas a abolir a escravidão, deixando a margem social em todas as suas esferas as pessoas que fizeram parte desse processo.

A implantação das universidades no Brasil se deu tardiamente. As primeiras escolas superiores foram inseridas a partir do início do século XIX, que eram mantenedoras da capacitação do sujeito para demandas do Estado, cujo “título acadêmico condicionava o sujeito ao prestígio social e ao poder político”. (ROMANELLI, 1984, p.37). Sendo frequentada exclusivamente pela elite social brasileira, o “povo” não fazia parte do processo acadêmico.

Apenas em 1934 foi criada a Universidade de São Paulo- USP, onde se inaugura um novo cenário na educação superior com uma faculdade de ciências, letras e filosofia, mas que, ainda possuía um perfil elitista e excludente. Para (SANTOS, 2008, p.66), a universidade não só participou da exclusão social das raças e etnias ditas inferiores, como “teorizou” a sua inferioridade que estendeu aos conhecimentos produzidos pelos grupos excluídos em nome da prioridade epistemológica concedida a ciência, ou seja, a exclusão se estendia também aos que estavam dentro do espaço acadêmico.

A falta de investimento do Estado, o perfil precário de muitas escolas de educação básica, também contribuíram para continuidade da marginalização e exclusão social de grande parte da sociedade brasileira, principalmente pretos e pardos, como apontam dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas IBGE, censo 2010.

---

A segunda metade do século XX é palco de muitas discussões sobre o lugar social das universidades, trazendo um discurso político e social sobre a democratização do acesso à educação e lutas políticas de grupos sociais organizados em busca de respeito e igualdade e ressarcimento de tudo que lhes fora negado em quase quinhentos anos.

O século XXI se inicia com a reformulação da Constituição Federal, que graças aos movimentos sociais recebeu o nome de “cidadã”, pois, em suas prioridades, assegura que todos são cidadãos brasileiros e dentre alguns direitos explícitos nesse documento, está o de exercer a democracia e o direito à educação como prioridade, este permite a ampliação de discussões sobre a democratização do acesso ao sistema educacional.

Em 2001 na III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata (ou Conferência de Durban), ocorrida em Durban, África do Sul, foi citado na proposta brasileira de inclusão social o termo “Cotas”, sendo esse ano um marco para as políticas públicas de ações afirmativas vigentes e programas do governo angariado por lutas de grupos sociais organizados e das políticas de governos de esquerda. Assim, inicia-se o processo de democratização do acesso ao ensino superior no Brasil como políticas compensatórias aos grupos excluídos e marginalizados ao longo da história.

O Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM a partir de 2009 passou a ser avaliação para o ingresso ao ensino superior, utilizado em quase todas as universidades públicas e privadas do país usado como mecanismo de avaliação. Outros programas foram criados e se uniram ao ENEM como o Programa Universidade para Todos- PROUNI e o Financiamento Estudantil - FIES com o objetivo de permitir o ingresso nas Universidades dos sujeitos advindos principalmente das escolas públicas.

Sabe-se que até início do século XXI a grande parte dos ingressos aos cursos universitários eram advindos das instituições de educação privadas. Assim, as políticas públicas de ações afirmativas como as cotas e os programas supracitados possibilitaram um novo caminho, trilhado a passos pequenos, mas que já incomoda a elite brasileira por permitir a população antes excluída a ocupar o seu devido lugar nas universidades.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante disso, o enunciado do Ministro Paulo Guedes, “o programa bancou os estudos até de filho do porteiro” nos mostra a propagação mantenedora das relações sociais excludentes. Percebe-se que “desconhece” ou se omite do conhecimento sobre sistema organizacional do Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM, do FIES e PROUNI, que em seus requisitos preliminares não seleciona participantes com notas zero, assim não há a possibilidade de concorrer a nenhum Programa do governo de acesso as universidades.

Além de desmerecer os candidatos, que pelo acesso aos programas do governo ocuparam uma vaga na universidade, afirmando que esses só estão no espaço da universidade por falha do Sistema, desfavorece intencionalmente as políticas compensatórias para a democratização do acesso as universidades.

Analisar esse discurso, é perpassar o tempo presente do enunciado e possibilitar uma reflexão, pois as amarras históricas muitas vezes silenciam os questionamentos e justificam o injustificável. Para Foucault (2008), “a análise do discurso não se limita a si mesma, precisa ser justificada”, se organiza como ritual em que o sujeito preestabelece e organiza sua fala para legitimar as relações de poder explícitas. O objetivo dessa fala carregada de preconceito do então ministro da economia, é salientar o que já está posto há séculos pelo governo e elite brasileira: a colonialidade, que reverbera a desigualdade, a exclusão e a contínua tentativa de desvalorização da maioria da população brasileira.

#### **FINANCIAMENTO**

O Financiamento da bolsa do autor, estudante do Programa de Pós-graduação *Strictu Senso* em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT em rede, ocorreu através de fomento propiciado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, no que diz respeito às atividades de bolsista de mestrado.

#### **REFERÊNCIAS**

ACHARD, Pierre. **O papel da memória**. Campinas, Pontes, 1999.

ARAÚJO, Washington Luis Andrade de. As frases do presidente Lula. **Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social**, Centro Universitário de Brasília (Uniceub), 2004. Disponível em: <file:///D:/Desktop/lula%20biografia.pdf>. Acesso em: 15 de maio 2018.

MATTOS, André Luís Lopes Borges de. Darcy Ribeiro: uma trajetória (1944-1982). **Tese de Doutorado em Ciências Sociais**, Campinas, 2007. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280360/1/Mattos\\_AndreLuisLopesBorgesde\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280360/1/Mattos_AndreLuisLopesBorgesde_D.pdf)>. Acesso em: 19 de maio 2018.

ORLANDI, ENI P. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 42, p. 21-40, Jan./Jun. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637139/4861>>. Acesso em: 20 de maio 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso princípios & procedimentos**. 6. ed. Campinas: pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. Tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 19 RASSI, Amanda Pontes. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das vadias”. **Rev. Hist. UEG**, Goiânia, v.1, n.1, p.43-63, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/viewFile/599/343>>. Acesso em: 20 maio 2018.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.